

A CONSTRUÇÃO DA TESE CENTRO-PERIFERIA NO PENSAMENTO CEPALINO

*Natália Pereira Pinheiro*¹

Mestranda em Desenvolvimento Socioeconômico (UFMA)

amosilencio@gmail.com

*Luiz Eduardo Simões de Souza*²

Doutor em História Econômica (USP)

RESUMO

O presente artigo trata da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), sua história e suas contribuições no debate em torno das políticas de desenvolvimento econômico. Tendo em vista o paradigma que regeu a instituição durante os anos 1950 e 1960, a noção de centro – periferia, faz-se um retrospecto histórico da construção desse conceito. Uma vez assentido de que há na realidade a existência de um centro economicamente rico e uma periferia pobre, tem-se, com a tese centro/periferia, uma ferramenta analítica de análise da concentração e centralização mundiais da produção social. O duplo movimento de indução e dedução que fez da categoria supracitada uma unidade de análise é o objetivo principal deste artigo.

Palavras-chave: CEPAL. Centro-periferia. Pensamento Econômico. Desenvolvimento. Troca desigual.

ABSTRACT

This article deals with the Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC), its history and its contributions to the debate on economic development policies. Considering the paradigm that ruled the institution during the 1950s and 1960s, the notion of center - periphery, there is a historical retrospect of the construction of this concept. Once the existence of an economically rich center and a poor periphery has been agreed upon, the center / periphery thesis has an analytical tool for analyzing the global concentration and centralization of social production. The dual purpose of induction and deduction which made the above-mentioned category a unit of analysis is the main objective of this article.

Keywords: ECLAC. Center-Periphery. Economic Thought. Development. Unequal exchange.

1 Bacharel em Filosofia (UFMA); Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico (UFMA). Membro do Grupo de Estudos em Economia Política e História Econômica (GEEPHE). E-mail: amosilencio@gmail.com.

2 Doutor em História Econômica (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico (UFMA). Coordenador do Grupo de Estudos em Economia Política e História Econômica (GEEPHE). E-mail: luiz.souza@ufma.br.



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), sua história e suas contribuições no debate em torno das políticas de desenvolvimento econômico. Tendo em vista o paradigma que regeu a instituição durante os anos 1950 e 1960 (BIELSCHOWSKY, 2000), qual seja, a noção de centro - periferia, faz-se um retrospecto histórico da construção desse conceito. Uma vez assentido de que há na realidade a existência de um centro economicamente rico e uma periferia pobre, tem-se, com a tese centro/periferia, uma ferramenta analítica de análise da concentração e centralização mundiais da produção social. O duplo movimento de indução e dedução que fez da categoria supracitada uma unidade de análise é o objetivo principal deste artigo.

A observação do desenvolvimento das relações sociais produtivas sob o modo de produção capitalista, conforme assumido pela maior parte de seus estudiosos, verifica uma polarização no fluxo de riqueza gerado (ou transformado), conhecido como *acumulação de capital*. Esta se dá em caráter social, o qual tem reflexos sobre o espaço em que as sociedades se estabelecem, ou seja, em caráter *espacial e territorial*. Alguns países, por conta de diferentes fatores, parecem ter se inserido melhor no sistema de mercados que outros. Desse modo, o mundo desvelou-se dividido em nações satisfatoriamente adequadas ao sistema e nações anômalas.

Tal estrutura aparentemente dicotômica, no início do século XX, mostrou-se capaz de se auto reproduzir. Apesar de todos os esforços para superar certas incorreções econômicas, a concentração da propriedade e da renda, a baixa produtividade e relações subservientes entre países mantinham-se. Nesse sentido, alguns teóricos, desconfiados da ineficiência do processo de expansão mercantil em produzir riqueza com equidade, e da improficência da ortodoxia em explicar satisfatoriamente os fatos, dispuseram-se a pensar os fenômenos econômicos sob outras perspectivas.

Das reflexões em torno das ineficácias do sistema, chegou-se a uma hipótese devastadora: o desenvolvimento econômico de alguns países baseava-se na existência de uma relação de exploração e dominação capaz de garantir a acumulação de capital. Processo histórico cujo resultado seria as desigualdades crescentes no sistema mundial.

Em conformidade com a concepção de que o desenvolvimento econômico consistia no controle das forças produtivas por parte das estruturas sociais nacionais a partir das suas condições



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

materiais e históricas, alguns pensadores aludiram à ideia de necessidade de criação e ampliação de uma dinâmica nacional, interna e autônoma do processo de acumulação de riquezas. A acumulação de capital, o incremento da riqueza, o aumento dos níveis de consumo da população, a ampliação da capacidade produtiva e de mercantilização do excedente social tornaram-se objetivos cruciais. Intento esse que se sustentava na ideia vigente de que o progresso significava, em alguma medida, assimilação do modelo de cultura e sociedade dos países ricos.

A partir dos anos 1940, após a 2ª Guerra Mundial, entremeadas por uma das mais profundas crises capitalistas (a Grande Depressão de 1929-1932), pensadores de diferentes áreas e correntes ideológicas distintas empenharam-se em construir modelos matemáticos de crescimento, estudos críticos e históricos das estruturas sociais. Afim de investigar os obstáculos que impediam a maioria dos países do mundo de alcançar índices de crescimento econômico compatíveis com aqueles apresentados pelos países ricos, os próprios pensadores das regiões marginalizadas buscaram encontrar a origem do atraso econômico de seus países.

Na América Latina, que no pós-guerra viu a demanda e o preço dos produtos primários diminuir drasticamente, e uma forte restrição creditícia generalizada inviabilizar o financiamento externo de investimentos em eventuais aumentos da produtividade de suas economias, elites domésticas passaram a buscar alternativa ao modelo primário exportado. O baixo nível de produtividade interna e o subemprego dos fatores de produção disponíveis, que acompanhavam esse tipo de exportação, eram um entrave a superação da pobreza, ou melhor, subdesenvolvimento.

Nesse contexto, economistas, sociólogos, cientistas políticos e filósofos latino-americanos reunidos na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), passaram a tratar os problemas econômicos do subcontinente em termos de subdesenvolvimento - uma condição única que acometia diferentes países e que exigia soluções comuns (VITAGLIANO, 2004). Enquanto nos países centrais desconsiderava-se, em maior ou menor grau, as peculiaridades históricas e estruturais que compunham a base de formação dessas economias, bem como o momento e a forma particular como cada uma delas foi inserida no capitalismo mundial, na América Latina, pensadores como Raúl Prebisch, Celso Furtado, Osvaldo Sunkel e Aníbal Pinto atentaram para os aspectos exógenos que poderiam determinar essa condição.

Para Prebisch (2011), na periferia do mundo capitalista existiam estruturas produtivas duais, relações de produção pré-capitalistas que contrastavam com o desenvolvimento



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

tecnológico e a máxima remuneração do capital encontrada nos grandes centros da economia mundial. A partir da ideia empiricamente fundamentada da deterioração dos termos de troca, com desvantagem para os países produtores de bens primários, o argentino e outros intelectuais cepalinos propuseram ações práticas de política econômica visando à modificação da estrutura produtiva dos países que compunham a América Latina.

Levantando bandeiras como a industrialização por substituição de importações, promoção de poupança forçada pelo Estado, transformação da estrutura agrária, equalização dos diferentes territórios, fortalecimento do mercado interno e a redução da exposição externa das economias periféricas à conjuntura econômica mundial, tais teóricos inauguraram outra maneira de pensar a América Latina.

Ao longo deste trabalho procuraremos reconstruir a produção teórica da relação centro e periferia no interior do pensamento econômico crítico. Para tanto, partiremos das ideias seminais de Raúl Prebisch, na primeira metade do século XX. A tese Centro-periferia foi considerada fundamental dentro do pensamento cepalino, não apenas por sua estreita relação com o conceito de subdesenvolvimento, mas por ser a raiz de várias outras teses como a deterioração dos termos de troca, o desenvolvimento desigual, a industrialização como fator indutor do desenvolvimento, a teoria da dependência, além de uma crítica implícita ao imperialismo.

Este artigo divide-se da seguinte maneira: a esta introdução, segue uma exposição da tese ricardiana das vantagens comparativas. Após, um exame acerca da tese centro-periferia e a realidade latino-americana é feita. Por fim, considerações fecham o texto.

2. A TESE CENTRO-PERIFERIA

2.1 A TEORIA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL

A teoria do comércio internacional surgiu da necessidade de explicar as trocas de mercadorias entre os países. Pensada inicialmente por Adam Smith, rompendo com a lógica mercantilista de soma-zero, em tal teoria acreditava-se que se cada país se especializa no produto em que tem vantagem absoluta, no comércio internacional há ganho positivo para todos os envolvidos na troca.



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

Pautado no princípio de livre comércio criado por Smith, mas mudando de perspectiva, David Ricardo (1772-1823) propôs que a lei das vantagens fosse pensada em termos comparativos ou relativos, ou seja, cada nação deveria especializar-se na produção do bem para o qual possuísse maior vantagem ou menor desvantagem relativa. Essa ideia é uma das mais bem sucedidas teses econômicas e até hoje é usada pelo *mainstream* como um princípio no comércio internacional.

A partir dos exemplos de Portugal e Inglaterra, e dois dos bens produzidos por esses países – vinho e tecidos, o britânico esclarece a tese das vantagens comparativas recorrendo à teoria do valor-trabalho, segundo a qual a razão de troca entre mercadorias é proporcional ao tempo de trabalho social gasto na produção delas. Segundo a tese em questão, o livre comércio, induzindo os parceiros comerciais a se especializarem naqueles produtos que são comparativamente mais eficientes, é benéfico para todos os países envolvidos, inclusive para aqueles que são economicamente menos aptos (GONTIJO, 2007).

Tendo em vista as vantagens da divisão internacional do trabalho e a especialização baseada na dotação de fatores, e considerando que o livre comércio forneceria um mecanismo automático e indiscriminado de ajustamento do balanço de pagamento, em *Princípios de Economia Política e Tributação (1817)*, mirando o lado da oferta, Ricardo exalta a liberdade nas trocas entre nações. Para David Ricardo, a produtividade do trabalho era tão importante quanto à qualidade da dotação dos fatores produtivos, e as diferenças nessa produtividade variavam entre países de acordo com as disparidades tecnológicas existente entre eles (CASSANO, 2002).

Em 1919, um século após Ricardo ter estabelecido o princípio das vantagens comparativas, Eli Heckscher (1879-1952), com a cooperação do seu aluno Bertil Ohlin (1899-1997), combinou os “preços dos agentes de produção” com o comércio internacional, seguindo com a tradição da escola neoclássica e ampliando o modelo ricardiano (GONÇALVES, 1998).

Para Eli Heckscher e Bertil Ohlin, admitindo que a produção dos bens requeria diferentes quantidades dos fatores (intensidade fatorial dos bens) e diferentes dotações fatoriais (abundância fatorial dos países), cada país gozaria de vantagens comparativas nos bens que usariam mais intensivamente o seu fator mais abundante. Assim sendo, comparando os fatores de produção, países com mais capital produziriam e exportariam bens intensivos em capital, e países abundantes em trabalho, por exemplo, se dedicariam a produzir e exportar os bens intensivos em trabalho (BADO, 2004).

Em Ricardo ou em Heckscher-Ohlin, o princípio das vantagens comparativas manteve-se. A diferença entre eles consiste apenas no fato de que, enquanto para Ricardo a desigualdade



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

entre países assentava sobre as diferenças tecnológicas entre eles, em Heckscher-Ohlin essa diferença estava nas dotações fatoriais em termos relativos.

Mantidas as hipóteses fundamentais da ortodoxia clássica e neoclássicas, a saber, concorrência perfeita, pleno emprego, funções de produção estáveis e iguais entre países, difusão livre e imediata de tecnologia e retornos constantes de escala, o comércio internacional interfere na alocação intersetorial de recursos, quantidades e preços, sem afetar o nível da atividade econômica. Sob essas condições, supunha-se ganhos de comércio para todos os envolvidos (MOREIRA, 2012).

A renda dos países tenderiam a equiparar-se – de maneira absoluta ou relativa – de modo que a divisão internacional do trabalho entre eles seria não só a mais eficiente do ponto de vista da alocação de recursos, mas também a mais equitativa no que diz respeito à distribuição das rendas geradas no conjunto do sistema. (GURRIERI, 2011, p.18)

Embora logicamente bem construído, o argumento de que o perfil da estrutura produtiva e a especialização comercial não contam substancialmente para o desempenho econômico mostrou-se empiricamente inadequado. No pós-guerra, pareceu evidente que o padrão de comércio internacional é marcado por assimetrias não apenas herdadas, mas também construídas ao longo do tempo.

2.2. PREBISCH E O PROGRESSO TÉCNICO

No século XIX, Friedrich List (1789-1846) foi um dos primeiros a criticar o pensamento clássico no que diz respeito às assimetrias que predominavam no comércio internacional. Para List (1986), ao defender que o livre-comércio seria o melhor caminho para levar todos os países ao mesmo estado de natureza e bem-estar, pensadores clássicos deixaram de considerar fatores importantes tais como os interesses nacionais conflitantes e o caráter hierárquico do comércio internacional.

Para o pensador alemão, além das forças produtivas, a atuação do Estado na economia, no sentido de promover fortes investimentos na infraestrutura do país, era fundamental para o



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

desenvolvimento econômico das nações e inserção competitiva dessas no comércio internacional. Principalmente em economias menos avançadas, o livre-comércio não proporcionaria o desenvolvimento dos países sem a formulação de políticas públicas no sentido de proteger e fortalecer a indústria (DÁVILA, 1997).

Comungando indiretamente com algumas ideias de List (IÑIGUEZ, 2003, e SOUZA, 2015), contrapondo-se a tendência a naturalização dos fenômenos das relações do comércio internacional, Raul Prebisch dispôs-se a provar que o comércio mundial não estava sendo favorável ao desenvolvimento dos países da América Latina, uma vez que estava havendo uma perda de renda real dos trabalhadores em países subdesenvolvidos. Mesmo com formação e orientação teórica predominantemente neoclássica, Prebisch não hesitou em construir um pensamento alinhado com a heterodoxia (DOSMAN, 2005).

Considerando os ganhos de produtividade derivados das mudanças tecnológicas, Prebisch e demais cepalinos perceberam os diferentes efeitos desse fenômeno entre os geradores e difusores do progresso técnico e a periferia. Embora Karl Marx e outros economistas clássicos tenham se ocupado com a questão da técnica, o progresso técnico, afirma Di Filippo (1998), só passou a fazer parte da Teoria Econômica a partir do século XX. Schumpeter foi o principal responsável pela retomada sistemática do tema. Ainda assim, no mundo desenvolvido, os modelos de crescimento neoclássicos e neokeynesianos não abriram mão das formas e abstrações. Nessa conjuntura, a ideia em questão foi discutida exclusivamente no âmbito das funções de produção neoclássicas, entendido aqui como uma variável dentre tantas outras.

O progresso técnico é compreendido, tanto pelo *mainstream* quanto pela heterodoxia, como um processo de elevação dos níveis de produtividade real de trabalho obtido com a adoção de métodos produtivos mais eficientes. Os principais frutos desse progresso são renda elevada e melhores condições de vida da população.

Atento aos fatos, há na economia global provas contundentes da existência de acentuada desigualdade no nível médio de renda e na qualidade de vida dos indivíduos nos países produtores e exportadores de produtos primários, em comparação com os países industrializados. Dado esse contraste, ciente da relação causal que envolve esse fenômeno, concluiu-se que o progresso técnico não se propagou com equidade, e que as vantagens comparativas no mercado internacional não beneficiavam a todos.

A partir dessa assimetria na difusão da técnica, antes mesmo da criação da CEPAL em 1950 pelas Nações Unidas, Raúl Prebisch concebeu a tese centro-periferia. Segundo Rodriguez



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

(2009), no período em que atuou na economia argentina (1932-1949), observando o modo como eram utilizados os mecanismos cambiais e monetários na defesa de agregados econômicos durante os ciclos, o pensador construiu um instrumento analítico capaz de abarcar as relações dinâmicas entre economias.

Para Prebisch, a condição de periferia do sistema capitalista era resultado direto de um desenvolvimento desigual originário. Um estado primário atestado pelas análises comparativas dos níveis de renda, poupança e investimento, e asseverado pelo como o progresso de um país particular tendia a perpetuar ou agravar as condições de subdesenvolvimento de outra região.

A ideia de relação entre “centro e periferia”, com foco na análise da inserção internacional e dos condicionantes estruturais internos, e o exame das necessidades e possibilidades de ação estatal, foi o resultado de observações do processo histórico de formação da América Latina. Nesse processo, o passado colonial, exploratório, extensivista, destruidor de identidades e impositor de uma dominação externa, condição de subalternidade e alienação de interesses próprios cumprem um papel determinante.

Nos países que compunham o centro do sistema, a produtividade média do trabalhador na produção de manufaturados representava a parcela mais considerável do produto nacional. Nos países da periferia, por sua vez, especializados em produzir alimentos e matérias-primas, a economia era marcada pelo atraso da estrutura produtiva. Isso porque, segundo Prebisch, o progresso técnico maior na indústria do que na produção de bens primários não estava sendo capaz de garantir relações de trocas favoráveis para os países que se dedicavam a esta última.

Por maior que fosse a produtividade por trabalhador nas indústrias dos grandes centros capitalistas, e por mais que houvesse uma redução dos custos reais de produção por unidade, isso não acarretou a queda nos preços dos produtos manufaturados. Ao contrário disso, houve o aumento desses e, conseqüentemente, elevação da renda e dos fatores produtivos dessas nações. Por outro lado, os preços dos produtos exportados pelos países periféricos mantiveram-se relativamente menores do que os produtos manufaturados exportados pelos países centrais. Afora isso, a tendência era que as importações de produtos primários crescessem menos do que a renda real, e que a demanda por bens industrializados, com o aumento da renda, se avolumasse (PREBISCH, 2011).

Os diferenciais de produtividade entre centro e periferia seriam o resultado de forças cumulativas geradas pelo próprio processo de



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira

Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

industrialização e reveladas no comércio internacional. Ao confrontar produtos primários e industrializados, percebia-se uma tendência de redução nas relações de preço entre ambos, ou seja, nos termos de troca. Os produtos primários caracterizar-se-iam por uma menor incorporação das modernas tecnologias (CUNHA, 2000, p. 129).

Como afirma Pereira (2015), Prebisch partiu do pressuposto factual de que o progresso técnico crescia de maneira lenta e irregular na periferia. Por consequência, a produtividade, o produto e a renda nessas economias cresciam mais devagar. Associado ao crescimento populacional mais acelerado, tal fato resultava em uma renda per capita cada vez menor nessas regiões.

Esse fenômeno ainda tinha um agravante, quando havia um aperfeiçoamento técnico significativo nos países periféricos, ele se concentrava nas atividades de exportação. Dito de outro modo, na periferia do capitalismo só se desenvolviam os setores que de algum modo fossem úteis aos grandes centros, e a produção de bens e serviços continuava dependente das importações. A América Latina, segundo Prebisch, dado o alto nível de emprego, importava dos centros industriais grande parte dos bens de capital e de consumo ordinário. Com isso, eram sempre altos os coeficientes de importação, e as exportações insuficientes para satisfazer essa necessidade.

Sob essas condições, os frutos do comércio internacional não estavam sendo equitativamente repartido por meio da queda dos preços ou pela elevação proporcional da renda média. Empresários e trabalhadores dos países centrais se beneficiavam da redução dos custos de produção e retinham, por meio dos aumentos em suas remunerações, os frutos do progresso técnico.

Prebisch concluiu que seguir as recomendações de Ricardo e manter o pressuposto da divisão do trabalho no comércio internacional provocava transferência de renda da periferia para o centro, dos pobres para os ricos, ancorada nos sucessivos aumentos de produtividade do trabalho, haja vista uma parcela do esforço produtivo dos países produtores de primários contribuir com a elevação do padrão de vida dos capitalistas e trabalhadores dos grandes países industrializados. (PEREIRA, 2015, p.120)

Uma vez que o centro capitalista mantinha-se dinâmico economicamente e atuante no processo de industrialização e implementação de novas tecnologias, e a periferia possuía uma



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

inserção funcional limitada ao fornecimento de matérias primas básicas e geração de demanda final para os produtos industrializados, esta estava longe de alcançar os níveis de progresso material do centro (CUNHA, 2000). A América Latina estava determinada no modo como se desenvolvia e no papel que cumpria pelo ordenamento do sistema global.

A menor produtividade do trabalho nas economias periféricas vinha de sua desvantagem tecnológica, e a diferenciação dos níveis de produtividade do trabalho estava na base da tendência à diferenciação do ganho real médio (por pessoa ocupada ou per capita) entre centro e periferia. Para Prebisch, tal fenômeno deixava explícita a necessidade de assimilar as relações e técnicas capitalistas de produção por meio da industrialização. Só assim seria possível suscitar o progresso técnico, elevar a produtividade, os níveis de emprego e a remuneração do trabalho acima dos níveis auferidos na produção de bens primários, além de superar a condição histórica de atraso na absorção tecnológica.

2.3. A REALIDADE LATINO AMERICANA E A DEPENDÊNCIA QUE A OBSERVAÇÃO TEM DA TEORIA

Na periferia do sistema capitalista mundial, não havia caminhos abertos para o desenvolvimento. Os recursos se concentravam em setores estratégicos, enquanto os demais domínios se mantinham com níveis muito baixos de produtividade. A baixa taxa de poupança dificilmente se transformaria em investimento, ou mesmo formação bruta de capital, servindo antes ao propósito da classe proprietária dos meios produtivos (terra, capital) de emular o consumo realizado pelo que acreditariam seus correlatos no centro metropolitano³. Nas atividades primárias ou nas indústrias, uma grande massa de trabalhadores desqualificados e mão de obra desqualificada inviabilizava a extração de excedentes comparável à dos grandes centros, e tornava inelástica a oferta de trabalho (PREBISCH, 2011).

Essa espécie de pobreza estrutural, que se convencionou chamar de subdesenvolvimento, forçou essas economias a dependerem muito de investimentos externos e empréstimos internacionais. Tanto Prebisch quanto os demais cepalinos sabiam da importância

3 Na verdade, essa extensão do comportamento da classe proprietária dos meios produtivos é desenvolvida primariamente em Celso Furtado (1962), tendo se estendido ao conjunto dessa fase de pensamento cepalino conforme aponta Bielschowsky (2000).



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

dessas fontes de capital⁴, mas tinham conhecimento do quão volátil e perigoso ao equilíbrio das contas do balanço de pagamento poderiam ser.

O subdesenvolvimento foi visto como um modo de ser específico de certas economias. Não era uma fase ou etapa anterior ao desenvolvimento, mas uma condição efetiva e originária, marcada por duas características fundamentais intrinsecamente relacionadas: desenvolvimento unilateral ou especialização e heterogeneidade estrutural.

O desenvolvimento unilateral diz do fenômeno onde parte substancial dos recursos produtivos é destinado ao setor exportador de produtos primários, enquanto a demanda de bens e serviços se satisfaz por meio de importações. Diante disso, um setor é ampliado e modernizado, alcançando altos níveis de produtividade, enquanto os demais setores se mantêm atrasados (heterogeneidade estrutural).

A especialização (exportações primárias) faz com que a industrialização comece por setores produtores de bens de consumo tecnologicamente simples e que avance lentamente para a elaboração de bens de consumo e intermediários de maior complexidade do ponto de vista tecnológico e organizativo. Como a especialização se dar no sentido da primarização, há grande desvantagem em relação ao centro. Pois esse padrão inviabiliza a diversificação das exportações na periferia.

Por conta da heterogeneidade e especialização, a periferia sofre desvantagens quanto à geração e incorporação do progresso técnico, complementaridade intersetorial, integração vertical na produção e ganho real médio. Além disso, há uma tendência crônica ao déficit comercial.

A tendência ao déficit comercial mencionado implica que o aumento das importações requeridas pela industrialização seja continuamente dificultado e, ao longo prazo, limitado, o que, por sua vez, limita a magnitude das taxas de crescimento do produto e de acumulação de

4 De fato, a produtividade desses países é muito baixa porque falta capital. E falta capital porque, por causa dessa baixa produtividade, a margem de poupança é muito estreita. Para romper esse círculo vicioso sem deprimir exageradamente o atual capital estrangeiro. Se a sua aplicação for eficaz, o aumento da produtividade permitirá, com o decorrer do tempo, desenvolver uma poupança própria e substituir o capital estrangeiro por ela nos novos investimentos exigidos pelas inovações técnicas e pelo crescimento da população. (PREBISCH, 2011, 126)



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

capital que derivam espontaneamente do livre jogo das forças de mercado (RODRIGUEZ, 2009, p.91).

Devido à superabundância da força de trabalho, o protecionismo dos países centrais e da relação subserviente que os países subdesenvolvidos mantêm com esses, pelo atraso substancial das estruturas produtivas ou fatores exógenos a dinâmica econômica – o modo como o progresso técnico se dissemina em determinados setores e atividades de produção material -, a periferia sofre de um atraso perene. Decadência essa que só poderia ser superada com medidas políticas e econômicas a médio e longo prazo (Beteta e Moreno-Brid, 2012).

Prebisch, a partir de um extenso estudo empírico dos custos do comércio internacional entre países como Argentina e Grã-Bretanha, concluiu que os ganhos proporcionados pelo comércio internacional, dado a deterioração dos termos de troca em prejuízo dos países produtores de bens primários, fluíam desses países mais pobres, para aqueles mais ricos, dedicados à produção de manufaturados. Prebisch teria escolhido, assim, essa característica econômica como base central para as teses do subdesenvolvimento e da relação centro-periferia.

Nesse caso específico, se diz que a observação produziu uma base segura da qual pode ser obtida uma hipótese satisfatória. Na medida em que as teses têm como base um evento empiricamente acessível, ou seja, há fatos e dados que asseveram sobre a perda real na renda média dos trabalhadores nos países produtores de bens primários, somos ingenuamente levados a crer em duas coisas: 1. que a interpretação desse fenômeno não varia de acordo com as expectativas e conhecimento do observador; 2. que o fenômeno é o mesmo, independente de quem seja o observador.

Contudo, como afirma Chalmers (1993), o raciocínio indutivo, bem como o dedutivo, envolve a conexão entre vários conjuntos de afirmações, e não relacionamentos entre afirmações de um lado e experiência do outro. Mesmo quando se trata de experiências sensíveis comuns, o nosso acesso aos dados não é estritamente objetivo. Pois, em certa medida, toda observação acontece a partir de alguns pressupostos teóricos.

Nesse sentido, as teorias precedem a observação, e as afirmações feitas a partir dessas são tão sujeitas a falhas quanto às teorias que elas pressupõem. Portanto, os fatos não constituem uma base completamente segura para a construção de leis e teorias científicas.

Ainda assim, as observações e os experimentos são realizados no sentido de lançar luz sobre alguma teoria ou aperfeiçoá-la. Nesse contexto, apenas aquelas observações consideradas



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

relevantes devem ser registradas. Mas qual o critério para determinar a relevância de um evento? Dada a natureza dos objetos de estudo das Ciências Econômicas, é preciso considerar o parâmetro ideológico.

No que diz respeito à teoria das vantagens comparativas e suas reformulações, a realidade Latina Americana parece ter sido desconsiderada, no máximo tratada como anomalia insólita ou inadequada. A partir do que foi dito acerca da dependência que os dados têm da teoria, podemos admitir que isso tenha se em função dos pressupostos considerados. Prebisch e os demais cepalinos, ao suporem a tese centro-periferia, consideraram a complexidade histórica dos acontecimentos e assumiram outros pontos de partida. Com isso, “inauguraram” um modo específico de tratar os problemas econômicos deste lado do hemisfério.

Além de engendrar novas ferramentas ou categorias de análise, a teoria cepalina leva à descoberta de novos fenômenos. Assim sendo, em termos epistemológicos, é digna de mérito e mais justificável que uma lei ou teoria projetada para explicar fenômenos já conhecidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese centro-periferia parte de uma concepção característica do desenvolvimento como o processo de inovação desencadeado ao longo da história. A partir dela, os cepalinos empenharam-se em mostrar que o subdesenvolvimento era o resultado do modo como às economias periféricas inseriram-se no contexto de conformação do sistema capitalista mundial, e que este não era uma etapa anterior ao desenvolvimento.

Os agentes “centro” e “periferia” apresentam características próprias. A estrutura produtiva da periferia conserva traços marcantes de especialização e heterogeneidade, contrastantes com a diversificação e homogeneidade do centro. Tais traços se acentuam com o tempo. A consequência mais imediata dessa dualidade seria a diferenciação entre os ganhos médios dos dois polos.

Nas regiões heterogêneas de baixa produtividade, a reduzida capacidade de acumulação limita em muito as possibilidades de incorporação do progresso técnico, uma vez que essa ocorre com mais intensidade nas atividades industriais mais complexas. Dessa forma, a periferia padece



A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza

uma desvantagem em relação ao progresso técnico, e isso não apenas como resultado de sua heterogeneidade, mas também de seu caráter especializado.

Além disso, a diferenciação do ganho real médio na periferia torna sua acumulação menos eficiente e mais dependente dos aportes tecnológicos do centro. O desequilíbrio do comércio internacional, aliado ao atraso da estrutura produtiva da periferia, perpetuava a condição de subdesenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADO, Álvaro Labrada. *Das vantagens comparativas à construção das vantagens competitivas: uma resenha das teorias que explicam o comércio internacional*. Revista de Economia e Relações Internacionais / Faculdade de Economia da Fundação Armando Alvares Penteado. v.3, n. 5, SP: FEC-FAAP, 2004.

BETETA, Hugo; MORENO-BRID, Juan Carlos. *El desarrollo en las ideas de La Cepal*. Economía UNAM, v. 9, n. 27, México, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-952X201200030004>. Acesso em: 19 abr. 2017.

BIELSCHOWSKY, Ricardo (org.) *Cinquenta Anos de Pensamento na CEPAL*. Rio de Janeiro: Record, 02 volumes, 2000.

CHALMERS, A. F. *O que é ciência afinal?* Tradução Raul Filker. Editora Brasiliense. Brasília 1993.

CASSANO, Francisco Américo. *A Teoria Econômica e o comércio internacional*. Pesquisa e Debate, SP, v. 13, n. 1 (21), 2002.

CUNHA, André Moreira. *Os limites do desenvolvimento: revisitando a agenda cepalina*. In: POLETTO, Dorivaldo Walmor (Coord.). 50 anos do manifesto da CEPAL. Porto Alegre: Ed. EDIPUCRS, 2000. Disponível em: <http://www.pucrs.br/digitalizacao/diversos/x_01.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2017.



**A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira
Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza**

DÁVILA, Francisco Suárez. Friedrich List, *Sistema nacional de economía política* (con el anexo “Esbozos de economía política americana”), México, Fondo de Cultura Económica, segunda edición, 1997.

DI FILIPPO, Armando. *La vision centro-periferia hoy*. Revista de la CEPAL, n. extraordinário. p. 175-185, 1998. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/12135/ONE175185_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 abr. 2017.

DOSMAN, Edgard J. *Raúl Prebisch. A construção da América Latina e do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1962.

GONÇALVES, Reinaldo et al. *A nova economia internacional: uma perspectiva brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

GONTIJO, Cláudio. *As duas vias do princípio das vantagens comparativas de David Ricardo e o padrão-ouro: um ensaio crítico*. Revista de Economia Política, vol. 27, nº 3 (107), pp. 413-430, julho-setembro/2007.

GURRIERI, Adolfo. *Introdução*. In: PREBISCH, Raúl. O Manifesto Latino-Americano e outros ensaios. Organização e introdução Adolfo Gurrieri; prefácio Ricardo Bielchowsky; tradução Vera Ribeiro, Lisa Stuart, César Benjamin. – Rio de Janeiro: Cotraponto: Centro Internaciona Celso Furtado, 2011.

IÑIGUEZ, Carlos P. *Herejías Periféricas. Raúl Prebisch. Vigencia de su pensamiento*. Buenos Aires: Nuevohacer, 2003.

LIST, Georg Friedrich. *Sistema Nacional de Economia Política*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.



**A Construção Da Tese Centro-Periferia No Pensamento Cepalino – Natália Pereira
Pinheiro e Luiz Eduardo Simões de Souza**

PREBISCH, Raúl. *O Manifesto Latino-Americano e outros ensaios*. Organização e introdução Adolfo Gurrieri; prefácio Ricardo Bielchowsky; tradução Vera Ribeiro, Lisa Stuart, César Benjamin. – Rio de Janeiro: Cotraponto: Centro Internaciona Celso Furtado, 2011.

PEREIRA, Vinícius Vieira. *A produção da relação centro e perieia no pensamento econômico: das teses marxista do imperialismo capitalista às teorias da dependência*. Tese (Doutorado em Economia). Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

RODRÍGUEZ, Octavio. *O estruturalismo latino-americano*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2009.

SOUZA, Luiz E. S. de. *Antecedentes Intelectuais na Formação de Raúl Prebisch*. Revista de Economia Política e História Econômica, 2015.

MOREIRA, Uallace. *Teorias do comércio internacional: um debate sobre a relação entre crescimento econômico e inserção externa*. Revista de Economia Política, vol. 32, nº 2 (127), abril-junho/2012.

VITAGLIANO, Luís Fernando. *A Cepal no fim do milênio: a resposta aos “programas de ajustes” neoliberais*. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Campinas, 2004. Disponível em: <http://www.cedec.org.br/files_pdf/ACEPALnofimdomilenio.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2017.